

# RESENHA

## Economia solidária e cooperativismo: considerações acerca do trabalho *Introdução à Economia Solidária* de PAUL SINGER

Anne Caroline Moura Guimarães Cançado<sup>1</sup>  
Airton Cardoso Cançado<sup>2</sup>

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002, 124 p.

Este livro do Professor Paul Singer pode ser considerado como um dos pioneiros a tratar da temática da economia no Brasil. É um livro bastante conhecido e usado como referência em quase todos os trabalhos sobre o tema.

O autor divide o livro em quatro capítulos, no primeiro faz-se uma comparação entre a sociedade capitalista e a sociedade da economia solidária ou cooperativista, relacionando todos os pontos fracos e fortes das duas sociedades. O autor critica o capitalismo e defende a economia solidária, porque para ele vivemos “em uma sociedade em que a competição domina todas as áreas da atuação humana”, produzindo assim, sociedades totalmente desiguais.

Segundo o autor, para existir uma sociedade em que predominasse a igualdade entre a população, seria necessário que a economia fosse solidária em vez de competitiva, ou seja, que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar em vez de competir. “Não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual. Se ela for mal, acumula dívidas, todos participam por igual nos prejuízos e nos esforços para saldar os débitos assumidos”.

Para o autor, se a economia fosse solidária, a sociedade seria menos desigual, porém, algumas cooperativas iriam progredir mais que outras, em função do acaso e das diferenças de habilidade e inclinação das pessoas que as compõem. O mesmo defende que as pessoas deveriam repartir por igual o resultado, independente do cargo em que atuam na organização. Mas devido ao capitalismo, apenas

algumas cooperativas aceitam repartir por igual a sua retirada e a maioria divide de acordo com a função exercida na cooperativa.

O capitalismo, para o autor, aplica a heterogestão, ou melhor, a administração hierárquica formada por níveis sucessivos de autoridade. O objetivo constante das organizações capitalistas é a procura de novas fórmulas que lhe permitam extrair o máximo de trabalho e eficiência das pessoas empregadas. Já a economia solidária, pratica a autogestão, ou seja, administra democraticamente. Todas as decisões devem ser tomadas em assembleias realizadas na cooperativa, porque todos os associados devem saber de tudo que acontece.

No segundo capítulo o autor relata a história da economia solidária, suas origens e evolução. Cabe ressaltar que Paul Singer considera a economia solidária quase como sinônimo de cooperativismo.

Nos relatos do autor, o cooperativismo nasceu logo após a Revolução Industrial, na Inglaterra, devido aos baixos salários das pessoas e a grande carga de horas de trabalho. A primeira pessoa a manifestar idéias diferentes da sociedade industrial foi o empresário Robert Owen em New Lanark. Este empresário tinha idéias avançadas para a época, os seus empregados passaram a trabalhar menos horas e a ganhar mais, mostrando assim, um melhor rendimento nos serviços desempenhados.

Após a Revolução Francesa, Robert Owen apresentou ao governo britânico uma proposta para o combate à pobreza, baseado em ações estruturantes, ao invés de o estado sustentar os pobres

<sup>1</sup> Pós-graduada da 1ª Turma do MBA em Gestão de Cooperativas da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, Turismóloga pelo Centro Universitário da Bahia e Consultora do Instituto de Economia Solidária (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público).

<sup>2</sup> Mestre em Administração pela Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – EAUFBA -, professor da Faculdade Católica do Tocantins – FACTO - e da Universidade Federal do Tocantins - UFT.

(numa perspectiva assistencialista), proporcionaria condições de trabalho, comprando terras e construindo aldeias cooperativistas para que as pessoas trabalhassem na terra e na indústria, criando assim, a sua própria subsistência. Mas o governo não aceitou a sua proposta, então Owen foi embora para os Estados Unidos ficando por lá alguns anos, depois voltou para a Inglaterra e, quando chegou na sua terra natal, descobriu que algumas pessoas estavam usando as suas idéias. A primeira cooperativa owenista foi criada por George Mudie, que reuniu um grupo de jornalistas e gráficos, em Londres.

Na terceira parte do trabalho o autor trata de diversos tipos de cooperativas. O cooperativismo de consumo foi o tipo pioneiro, em Rochdale (Inglaterra), e seu sucesso difundiu as idéias pela Europa. Esta cooperativa, ao ser criada adotou oito princípios, que depois foram apropriados pelo movimento como os princípios do cooperativismo.

O cooperativismo de crédito foi desenvolvido na Alemanha, inicialmente como uma caixa de crédito de caráter filantrópico. Posteriormente passou a funcionar como um fundo de crédito rotativo, onde os cooperados entravam com recursos e na medida da necessidade faziam empréstimos a juros módicos.

As Cooperativas de compras e vendas, descritas neste capítulo pelo autor, “são associações de pequenos e médios produtores que procuram ganhos de escalas mediante a unificação de suas compras e/ou de suas vendas”. O tipo que mais se destaca nesta categoria é a cooperativa agrícola.

O autor descreve neste livro, a corporação cooperativa de Mondragón (Espanha), que une cooperativa de produção industrial e de serviços comerciais com um banco cooperativo, “uma cooperativa de seguro social, uma universidade e diversas cooperativas dedicadas à realização de investigações tecnológicas”.

No quarto e último capítulo, Paul Singer trata da reinvenção da economia solidária no fim do século XX e as pers-

pectivas da economia solidária.

Ao final da segunda Guerra Mundial, uma grande parte da população da Europa passou a desfrutar de boas condições de vida, assistidas pelo Estado de Bem-estar Social (*welfare State*). Com isso, ocorreu um grande desinteresse pela economia solidária e, também, a introdução de assalariados dentro das cooperativas. Esta situação foi modificada depois dos anos 70 quando se iniciou a crise do desemprego em massa, provocando a desindustrialização em países centrais e semi-industrializados. Com isso a economia solidária ressurgiu com toda a força, aumentando assim, o número das cooperativas. Porém este novo cooperativismo buscava a volta dos seus princípios e o repúdio ao assalariamento.

Em síntese, Singer no primeiro capítulo faz uma crítica ao modo de sobrevivência do capitalismo e apóia a economia solidária, pois se todas as pessoas vivessem com o modo de produção da economia solidária, haveria menos desigualdade social no mundo. No segundo, ele relata a história do cooperativismo, como e onde surgiu. O capítulo seguinte é dedicado à descrição dos tipos de cooperativa e suas origens, com destaque para a cooperativa de Rochdale. No quarto capítulo, o autor fala do ressurgimento da economia solidária ou cooperativismo no mundo, pois para ele, o cooperativismo e a economia solidária são sinônimos.

Cabe ressaltar, ao fim deste trabalho, que considerar o cooperativismo, mesmo apenas sua vertente denominada cooperativismo popular como sinônimo da economia solidária é uma proposta discutível. O fenômeno da economia solidária também assume outras formas como clubes de troca, associações, grupos produtivos etc. Todos centrados na questão da autogestão e na valorização do trabalho em detrimento do capital, porém cada tipo de organização tem suas características distintas que, mesmo apesar de muito próximas não são idênticas entre si.